

Pós-F: a criação estética em meio ao contexto pandêmico

Heloisa Silva Nogueira ^(*)

Actas de Diseño (2026, julio),
Vol. 54, pp. 68-71. ISSN 1850-2032.
Fecha de recepción: julio 2022
Fecha de aceptación: octubre 2025
Versión final: julio 2026

Resumo: Este artigo discute a criação estética da peça “Pós-F”, dirigida por Mika Lins. Em meio a pandemia da Covid-19, ela e a equipe adaptaram o projeto para executá-lo na estreia da plataforma online do Teatro Porto Seguro. Diante dos desafios do online e com a adaptação do livro de Fernanda Young, as escolhas da direção foram de suma importância para o sucesso no resultado final.

Palavras-chave: feminismo – trajes de cena – criação estética – “Pós-F” – Mika Lins.

[Resúmenes en inglés y español en la página 70]

Introdução

Declarada em 11 de março de 2020 como uma pandemia mundial pela Organização Mundial da Saúde (OMS), a Covid-19 foi um marco na produção cultural ao redor do mundo. No Brasil, os teatros fecharam e desde então permanecem, em sua maioria, fechados. Diante dessa situação, os artistas começaram a buscar possibilidades para produzirem e se manterem ativos, sendo o espetáculo “Pós-F”, dirigido por Mika Lins, uma produção que se adaptou a tal condição. Unindo transmissão ao vivo, trechos gravados e uma homenagem a Fernanda Young, escritora do livro em que a obra se baseia, a peça discute um tema de grande importância para o contexto contemporâneo: o feminismo.

A direção de Mika Lins

A diretora Mika Lins nasceu em 1965 e iniciou seu contato com o teatro ainda muito cedo. Filha de Eugênia Thereza de Andrade, diretora teatral e dona de uma escola de teatro, Mika sempre gostou de se expressar artisticamente e começou a fazer aulas por influência da mãe. Em sua estreia no teatro, Mika participou de uma montagem da peça “A casa de Bernarda Alba” e teve muitas críticas positivas de seu trabalho, o que a fez se manter na profissão por mais alguns anos, por comodidade e por influência do meio onde cresceu.

Os anos se passaram e ela sempre foi uma atriz que se preocupava além de sua atuação como formada em artes visuais, fazia desenhos de propostas de cenário, figurino e outros elementos visuais da cena, uma provocação vinda das aulas da escola de sua mãe, como ela conta:

Na escola da minha mãe ela tinha um exercício que a gente pegava assim, *Vestido de Noiva*, e tinha que fazer uma síntese, escolher uma cena e fazer uma síntese como se essa cena fosse uma peça só, que tivesse começo meio e fim. Eu fazia o cenário, eu fazia adaptação, eu fazia todas essas coisas, era a parte que eu mais amava fazer. (Lins, 2021)

Este hábito ganhou destaque mesmo após ela sair de lá. Em 2011, numa conversa com Bel Kowarick, ela sugere o texto “*Dueto para um*” como proposta de montagem e a própria Bel a convida para fazer a direção. Desde tal convite, Mika começou a explorar a função de diretora, na qual se mantém até hoje, mas diferente de sua posição de atriz, agora ela se sente realizada.

Em dez anos de direção, Mika Lins desenvolveu algumas características fortes em seu trabalho. Analisando os trabalhos dela e em entrevista com a mesma para este artigo, chegou-se às três principais: cuidado com a palavra, trabalho de ator e estética semelhante. Numa direção bem organizada, a primeira etapa se dá com a palavra, a partir de um extenso trabalho de mesa, que ela diz ser muito importante para levantar todas as perspectivas iniciais antes de ir para a ação.

Na sequência, e diretamente ligado ao estudo do texto, tem-se o trabalho com o ator. Em entrevista para esse artigo, Mika conta que gosta de se voltar para esse momento com toda a atenção, para poder ajudar o ator a encontrar as devidas intenções e para transparecer o domínio do texto que foi estudado atentamente na etapa anterior.

Por último, tem-se a estética semelhante dos trabalhos. Utilizando da formação de artes visuais que a diretora possui, ela gosta de ter um caderno ao longo dos ensaios, e nele, dentre outros registros, realiza desenhos que vão para a criação estética posteriormente. Entretanto, é interessante notar que a proposta visual escolhida, na maioria das vezes, se aproxima muito do que seria uma linguagem realista do teatro, principalmente no que se refere a criação dos trajes de cena.

O livro “Pós-F: Para além do masculino e do feminino”

A peça teatral aqui estudada foi feita com base no livro de Fernanda Young. Logo no início, o livro possui uma série de desenhos feitos em preto e branco feitos pela própria autora. Dividido em diferentes trechos, cada capítulo

começa com uma frase de efeito sobre o tema, seguida por uma citação de uma parte deste e acompanhada por um desenho também. No fim do capítulo, páginas com partes escritas inteiras em letras maiúsculas parecem se assemelhar a manifestos relacionados aos temas tratados nos trechos. Por último, Fernanda traz cartas escritas em fundos cinzas, mas chama atenção os destinatários delas, tais como “aos vendedores de ilusão”, “à bunda” e a “cara Lata de leite”.

Nessa estrutura, Fernanda divide o livro em diversos temas relacionados ao feminismo, tais como liberdade, corpo, sexualidade, assédio, maternidade e cuidados com o lar. Os nomes dos capítulos são, por si só, provocativos ao leitor. Títulos como “Porque você não experimenta seu corpo antes?”, “Tudo agora é assédio” e “Acho que me mato a ter que ser dona de casa” levantam discussões de temas fundamentais, mas a abordagem trazida logo na sequência deixam dúvidas se foram discutidas da melhor forma.

É reconhecível que a autora tem conhecimento do movimento feminista, mas seu posicionamento as vezes parece ser um pouco contraditório. No capítulo do corpo por exemplo, ela diz que “quando penso nas pessoas que se operam para mudar de sexo, acho uma precipitação” (Young, 2018), o que pode ser interpretado de forma negativa pelos leitores e entendido como um desrespeito as pessoas que não se identificam com o próprio corpo. Há também o destaque negativo também para “a sonsa” (Young, 2018), citado por Fernanda como uma personagem própria do feminino e explicada como “a sonsa viaja muito. A sonsa ganha carro. A sonsa faz ginástica também (e usa muito da beleza como arma)” (Young, 2018) comentário que reforça a propagação de um estereótipo negativo ligado ao feminino e entrando em choque com um dos principais conceitos feministas, a sororidade.

Questionamentos como o “Tudo agora é assédio?”, título do do capítulo 5, também deixam dúvidas para o leitor. Logo no início, a autora pergunta “mas se passo na rua, hoje em dia bem menos, porque os homens, acho, estão mais educados e sabem que não podem olhar para uma mulher e falar ‘gostosa’... isso é assédio? Não é assédio, é falta de educação.” (Young, 2018) e aqui cabe uma crítica ao pensamento dela. Respeitando a memória de Fernanda e sabendo que o questionamento pode chegar de diferentes formas para os leitores, cabe aqui a afirmação de que sim, é assédio. De acordo com a Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego, assédio sexual é definido como “todo o comportamento *indesejado* de caráter sexual, sob forma verbal, não verbal ou física, com o objetivo ou o efeito de perturbar ou constranger a pessoa, afetar a sua dignidade.” o que permite afirmar que o comentário indesejado dos homens, independente de qual seja, é sim assédio, uma vez que constrange as vítimas submetidas a tal situação.

Fernanda Young levanta pontos importantes em sua obra, mas por vezes evoca questionamentos que parecem mais colocar em cheque o movimento feminista do que efetivamente ajudá-lo. Apesar de o título dele se referir a uma era “*Pós-F*” que faz alusão ao que seria um pensamento pós-feminista, faz-se necessário entender a necessidade de compreensão do feminismo atual

e de fortalecimento de seus conceitos na sociedade contemporânea para se chegar ao que seria o pós, discutido no livro. Nesse contexto, entende-se os pontos levantados pela autora, mas também se ressalta a necessidade de maior alinhamento aos conceitos atuais, pois tal posicionamento pode até reverberar de forma negativa para o movimento feminista.

A montagem teatral de “*Pós-F*”

Com a ideia de inaugurar a plataforma online do teatro, o projeto recebeu a proposta de ter seu planejamento modificado para poder estreiar de maneira diferente da inicial, passando do presencial para o online. Nesse sentido, foi a segunda mudança de planos do projeto, pois além dessa adaptação, a ideia inicial era realizar o projeto com a própria Fernanda Young participando da equipe, mas seu falecimento em agosto de 2019 também trouxe a necessidade de repensar a produção.

Em entrevista para esse artigo, Mika Lins, diretora do projeto, conta como foi a primeira decisão, dizendo que “a Fernanda morreu, e foi um choque. (...) Passou uma semana, um mês, eu liguei pra Maria [Ribeiro, atriz do espetáculo] e falei ‘ah Maria eu acho que como esse projeto é seu, acho que a gente devia fazer a peça, falar com o Alexandre (marido de Fernanda Young) fazer’. E a Maria topou.” (Lins, 2021). Mika Lins conta que tiveram que acelerar a produção de uma hora pra outra para conseguirem dar conta:

No meio da pandemia (...) a Porto Seguro teve essa ideia de reabrir o teatro com transmissão online. E foi a primeira, talvez, feita de dentro do teatro. (...) A gente não tinha nem adaptado ainda. A gente tinha 30 dias para adaptar, criar o cenário e fazer. E assim a gente fez. (Lins, 2021)

Desejando poder discordar de Fernanda, Maria Ribeiro conta numa parte do espetáculo que a equipe não concordava com todos os escritos. Por isso, alguns deles não foram colocados na montagem ou foram questionados, como o capítulo do corpo já mencionado neste artigo, e que Maria diz achar que Fernanda também já teria mudado de pensamento desde a escrita. A partir destas perspectivas e dando voz a um monólogo envolvente, Maria Ribeiro expõe as ideias do livro de maneira que se assemelha a um manifesto recheado de questões para a plateia.

Numa construção híbrida entre ao vivo e gravado, a plateia do espetáculo teve grande diversidade. A montagem em questão era transmitida diretamente dos palcos do Teatro Porto Seguro, com cenário, figurino, iluminação e a equipe do projeto, mas sem ninguém nas cadeiras do teatro. O público acessava a peça por meio dos ingressos adquiridos que os redirecionavam para uma live do Porto Seguro. Em meio a essa transmissão, alguns vídeos e trechos gravados também eram passados, dando origem a uma linguagem híbrida mas que não exigia nenhuma ação ativa do espectador além de acessar o ingresso em seu dispositivo no horário correto.

A criação estética

Seguindo a direção de Mika Lins, é possível observar que os elementos estéticos se aproximam do que seria uma estética realista, principalmente no traje de cena. O traje utilizado pela atriz Maria Ribeiro foi uma camiseta de banda cinza e uma calça jeans preta. A estratégia de trazer tais elementos para a cena, pode ser vista como uma forma de aproximação, tanto para o público como para a personagem. O público se aproxima de alguém que veste roupas semelhantes ao que se vê no cotidiano contemporâneo, ao mesmo tempo que a personagem interpretada torna-se mais palpável, mais humana e acessível, seja para a equipe como para quem assiste, o que é ainda mais potencializado com os pés descalços da atriz ao longo da peça.

Outro importante elemento são as pulseiras e acessórios que a atriz utiliza. Em seus braços é possível ver uma grande quantidade de pulseiras das mais variadas cores e tamanhos, o que pode trazer um pouco da confusão mental da personagem que está ali e demonstrar a grande quantidade de pensamentos que a acompanha. O arco com flores utilizado na cabeça, por sua vez, traz símbolos importantes da feminilidade para a cena. E por último, a bandeira carregada pela atriz em uma das partes finais do espetáculo, lembra os protestos feministas, que podem se alinhar com diversas falas ao longo da peça.

É importante notar que todos esses elementos podem fazer alusão aos anos 90. Com uma moda que se assemelha ao estilo escolhido pela atriz, os anos 90 popularizaram trajes como o dela, em que se utilizava calça jeans, camisetas de banda e all stars. Nesse contexto, também dialoga com a força do movimento feminista, que na época busca pela total liberdade das mulheres, o que está no discurso da atriz e é reforçado pelo uso da calça jeans, inicialmente usada como uniforme por mineradores para só depois ser levada pra outras classes. O uso delas pelas mulheres, por sua vez, ganha importância no sentido delas poderem se libertar de usarem apenas vestidos e ser uma peça muito mais confortável do que diversos outros trajes que elas estavam habituadas a usarem cotidianamente.

Complementando a estética da peça, temos o cenário com uma linguagem vinda do livro de Fernanda Young. Mesclando desenhos feitos por Fernanda, Mika e a filha de Fernanda, a equipe de criação juntou diversas folhas que ficavam suspensas por todo o palco em alturas diferentes. A disposição dos desenhos parece, em vários momentos, pensamentos da personagem, quase como rascunhos de ideias dela que foram espalhados pelo espaço.

Outro importante elemento é o andaime amarelo, também colocado no palco. A atriz por diversas vezes sobe nele, deita-se e utiliza as possibilidades que ele traz para ela cenicamente, de modo a se assemelhar ao que pode ser entendido como uma cama dentro de um quarto com vários pensamentos espalhados (os desenhos). Sobre a mistura desse elementos na criação estética, Mika Lins comenta que:

Pós-F é pós feminismo (...) e ele acabou sendo pós Fernanda. Ele acabou sendo uma peça que foi muito legal porque tinha todas essas linguagens, então a gente

tinha filme, luz, desenho... A Fernanda desenhava, então no cenário tem desenhos dela, desenhos meus e da filha da Fernanda, que é cartunista da Folha. E... música, que a gente construiu uma playlist que tem tudo haver com ela. (Lins, 2021)

Numa proposta de união destes elementos, iluminação e sonoplastia ganham destaque na criação. A luz feita oscila em tons de azul, âmbar e amarelo, que destacam os desenhos em alguns momentos e ao mesmo tempo o tom azulado tira um pouco a estética realista predominante nos outros elementos da peça. As músicas colocadas ao longo das cenas funcionam como um complemento da fala da atriz e conversam de forma adequada com o texto, trazendo mais camadas para a encenação proposta.

Considerações finais

A construção estética durante a pandemia se mostrou como um desafio para a equipe de diversas peças de teatro. O espetáculo “Pós-F”, teve sua produção acelerada e durante um mês a produção modifica o plano inicial para o virtual fazendo uma montagem híbrida com a cena transmitida direto do Teatro Porto Seguro e alguns vídeos gravados durante o processo de criação. No que diz respeito aos trajes de cena e ao cenário, a criação se aproxima da estética realista. As roupas de Maria lembram as roupas muito utilizadas nos anos 90, com camiseta de banda, calça jeans e grande quantidade de acessórios como as pulseiras coloridas usadas por ela em toda a peça. O cenário complementa a proposta estética utilizando os desenhos feitos por Mika, Fernanda Young e a filha de Fernanda trazendo uma estética que se assemelha ao que seriam pensamentos espalhados pelo espaço.

Referências

- Cabral, I. (2020). *Satyros: 'Enquanto discutem o que é ou não é teatro, nós produzimos arte online'* São Paulo. 9 de junho de. Disponível em: < <https://terradecabral.com.br/satyros-enquanto-discutem-o-que-e-ou-nao-e-teatro-nos-produzimos-arte-online/> > Acesso em 28 de maio de 2021
- Direitos e deveres dos trabalhadores e das trabalhadoras*. Condição para Igualdade no Trabalho e no Emprego. Disponível em: < <http://cite.gov.pt/pt/acite/dirdevtrab005.html> > Acesso em 28 de maio de 2021
- Lins, M. (2021). Entrevista concedida a Heloisa Silva Nogueira. São Paulo. Neves, M. *A crise do entretenimento na pandemia: 350 mil eventos adiados ou cancelados e R\$ 90 bilhões 'perdidos'*. São Paulo. 17 de fevereiro de 2021. Disponível em: < <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/02/17/a-crise-do-entretenimento-na-pandemia-350-mil-eventos-adiados-ou-cancelados-e-r-90-milhoes-perdidos.ghtml> > Acesso em 28 de maio de 2021
- TEATRO. (2017). *Dirceu Alves Jr entrevista a diretora Mika Lins*. Veja São Paulo. São Paulo: Veja,
- Young, F. (2018). *Pós-F: para além do masculino e do feminino*. 1ª Edição. Rio de Janeiro. Editora Leya.

Abstract: This article analyzes the aesthetic creation of Pós-F, directed by Mika Lins, and its adaptation from a theatrical project to an online format during the COVID-19 pandemic. It examines the directing choices, costumes, set design, lighting, music, and the hybrid use of live and recorded elements, highlighting how these resources contributed to the construction of the play's visual language and its adaptation to the digital context.

Keywords: feminism – clothing – aesthetic creation – «Pós-F» – Mika Lins.

Resumen: Este artículo analiza la creación estética de la obra «Pós-F», dirigida por Mika Lins. En plena pandemia de la COVID-19, ella y su equipo adaptaron el proyecto para representarlo en el estreno

de la plataforma en línea del Teatro Porto Seguro. Ante los retos que plantea el formato en línea y la adaptación de la obra de Fernanda Young, las decisiones de la dirección fueron fundamentales para el éxito del resultado final.

Palabras clave: feminismo – vestuario – creación estética – «Pós-F» – Mika Lins.

(*) **Heloisa Nogueira** é atriz formada pelo Teatro Escola Macunaíma e bacharel em Artes Cênicas pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, onde desenvolveu 3 iniciações científicas com temáticas ligadas à direção teatral, feminismo e a linguagem performática.